

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A PRÁTICA DOCENTE COMO FERRAMENTA FUNDAMENTAL PARA A INCLUSÃO

INCLUSIVE EDUCATION: TEACHING PRACTICE AS A FUNDAMENTAL TOOL FOR INCLUSION

Emily Ester de Almeida Dias

Acadêmica do 8º Período do Curso de Pedagogia pela Faculdade Presidente Antônio Carlos
– UNIPAC. Teófilo Otoni-MG, e-mail: emily_3258@hotmail.com

Joice Tauane Barbosa da Silva Ferraz

Acadêmica do 8º Período do Curso de Pedagogia pela Faculdade Presidente Antônio Carlos
– UNIPAC. Teófilo Otoni-MG, e-mail: tauanejoyce296@gmail.com

Maicon Douglas Chaves Silva

Orientador Pedagógico da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC. Teófilo Otoni-
MG. E-mail: maicon.chaves@gmail.com

Resumo

Este trabalho busca ressaltar o papel do professor diante das diversidades encontradas em sala de aula, ressaltando a importância que o trabalho docente tem para o processo de aplicação da educação inclusiva, explorando informações que reforcem a tese de que sem um trabalho docente bem preparado e estruturado, o processo de inclusão não atinge um rendimento favorável e positivo. Vale lembrar que a inclusão representa uma transformação social, e por isso exige mudanças, o que por sinal, gera um certo receio por parte das pessoas em ter que lidar com isso. Com foco direto na educação inclusiva, o texto ressalta a concepção acerca do profissional bem preparado para desenvolver um trabalho visando o respeito às diferenças e compreendendo seu papel diante das diversidades. Para tal, mediante levantamento bibliográfico, estima-se pela produção textual apontando o que representa a educação inclusiva no âmbito escolar, qual o papel do professor diante dessa condição, as contribuições da Teoria de Wallon para um melhor entendimento desse processo através da afetividade e, um confronto final de informações para justificar e fundamentar a relevância do tema.

Palavras-chave: Inclusão; Educação Inclusiva; Diversidade; Afetividade; Professor

Abstract

This work seeks to emphasize the role of the teacher in the face of the diversities found in the classroom, highlighting the importance that teaching work has for the process of applying inclusive education, exploring information that reinforces the thesis that without a well-prepared and structured teaching work, the inclusion process does not achieve a favorable and positive return. It is worth remembering that inclusion represents a social transformation, and that is why it requires changes, which by the way, generates a certain fear on the part of people in having to deal with it. With a direct focus on inclusive education, the text emphasizes the conception of professionals who are well prepared to develop a work aimed at respecting differences and understanding their role in the face of diversities. To this end, through a bibliographic survey, it is estimated by the textual production pointing out what inclusive education represents in the school environment, what is the role of the teacher in this condition, the

contributions of Wallon's Theory for a better understanding of this process through affectivity and, a final confrontation of information to justify and substantiate the relevance of the topic.

Keywords: Inclusion; Inclusive education; Diversity; Affection; Teacher

1. Introdução

A prática docente representa o alicerce para uma educação de qualidade e para uma formação eficaz do aluno, considerando os aspectos sociais e culturais que possam ser desenvolvidos durante uma aula. Um conteúdo pode ser bastante interessante, mas se a prática docente não for adequada, este conteúdo torna-se desmotivador.

Com a educação inclusiva não é diferente, todo aluno que chega à sala de aula quer ser respeitado pelo professor, mas acima de tudo, também quer se sentir à vontade em participar daquele ambiente. Se o professor não desempenha um papel em que sua prática não corresponda a estas expectativas, a tendência é apresentar um resultado desfavorável para o aluno e para a escola.

Este trabalho tem a intenção de ressaltar a importância da prática docente como chave para a aplicação de um processo inclusivo com maior margem de aceitação e resultado positivo. Isso implica em valorizar o trabalho do professor, de forma a considerar a elaboração de suas aulas, no sentido de viabilizar a participação de todos os alunos na aplicação dessas aulas.

O tema em questão evidencia-se em prol da Educação Inclusiva, em foco na sala de aula, aplicada pelas mãos do professor, junto a seus alunos, em confirmação de suas ideias valorizadas sob a ótica da importância da cultura, do respeito e da atenção com a diversidade. Com isso, compreende-se a importância do papel do professor frente as adversidades apresentadas pela sala de aula, e questiona-se: Como o professor deve se preparar para a prática da educação inclusiva estabelecendo uma relação positiva e favorável, entre a qualidade do ensino e o rendimento escolar?

A ideia é considerar a formação docente como um marco inicial para a formação desse profissional, levando em consideração os aspectos e fundamentos propostos pela Educação Inclusiva, reiterando suas normatizações e obrigações legais, determinando a partir disso, a confirmação de que o papel do professor está ligado diretamente a eficácia do processo de inclusão e da diversidade na sala de aula.

A Educação Inclusiva não é um conteúdo de pouca abrangência, e por isso sempre há quem possa buscar um pouco mais sobre seu entendimento. Alguns autores argumentam em seus estudos, que a maior parte dos profissionais ainda tem dificuldades para receber crianças especiais em suas salas de aula. É baseado nesses argumentos que a ideia de trabalhar a importância da formação docente como chave para uma educação inclusiva de qualidade, mereceu maior destaque.

Para tal, foi estabelecido um levantamento bibliográfico, proposto em forma de texto dissertativo-argumentativo, fundamentados por opiniões e argumentos oriundos de livros e trabalhos apresentados em congressos e seminários, devidamente publicados, considerando nomes como Camargo Soffa e Markowics (2017), além de Oliveira (2013), Mattos (2008) e Santana (2016). Consoante a isso, as orientações estarão fundamentadas na teoria da afetividade de Wallon, confrontando a informação da questão comportamental do professor frente a seus alunos, já que a teoria de Wallon entende o homem como um ser biológico social, e que essa relação está ligada diretamente ao aprendizado cognitivo.

Estruturalmente, o trabalho explorou em um primeiro momento os aspectos e fundamentos da educação inclusiva, seus parâmetros legais e seus documentos normativos. Em um segundo momento, estará buscando o entendimento sobre o papel do professor e sua formação docente, em conformidade com a adequação do trabalho escolar com a diversidade, dando continuidade em um terceiro momento, ressaltando a Teoria da Afetividade de Wallon, e findando com uma discussão e análise desses dados, propondo um confronto de informações que possa atribuir valor ao objetivo estabelecido, em prol da problemática proposta a ser respondida.

Aspectos e Fundamentos da Educação Inclusiva

A educação inclusiva corresponde a métodos e formas de englobar todos os alunos, democraticamente, a participarem de uma mesma ação ou ambiente, desconsiderando qualquer tipo de diferença, seja ela física, étnica ou cultural. A ação de incluir representa um obstáculo para as pessoas, por que ela provoca mudanças,

e conseqüentemente novas formas de pensar. E esse tipo de situação deixa as pessoas com receio de como lidar com isso.

Falar sobre inclusão escolar e ou social é falar sobre a conscientização humana na democratização das relações entre os povos e os demais indivíduos que fazem parte do contexto social como um todo. (BARBOSA, FRANÇA & OFFIAL, 2014, p. 33)

De acordo com Silveira e Nascimento (2013, p. 3), “o principal fundamento da educação inclusiva é a ideia de uma sociedade que reconheça e valorize as mudanças”. Ressaltam ainda, que essa valorização mostra que a diversidade é inerente à construção de toda e qualquer sociedade.

Essa afirmação só confirma o fato de que os obstáculos encontrados pelas pessoas para enfrentar as práticas inclusivas, são frutos de uma concepção cultural tradicionalista, que institui um certo receio para aquilo que foge da normalidade, ou seja, não faz sentido criar empecilhos diante da diversidade, se ela está enraizada na prática social, na qual as pessoas fazem parte.

Camargo Soffa e Markowics (2017) vão mais além e ressaltam que a educação inclusiva pode ser mais que apenas reconhecer diferenças, pode ser um processo multiplicador de construção de saberes para formar cidadãos em uma sociedade justa e democrática.

A educação inclusiva deve romper os paradigmas educacionais que já existem a certo tempo, ela deve promover concepções e ideias que provoquem transformações nas pessoas e que mostre a necessidade de alterações nos padrões comportamentais que a sociedade impõe tradicionalmente, revelando uma visão mais contemporânea sobre as diferenças.

As ações que beneficiam a inclusão junto ao ambiente escolar dizem respeito às práticas estabelecidas pelos profissionais da educação em prol do oferecimento da confortabilidade a todos os alunos, sem fazer distinção. Essas práticas devem dar ao aluno a sensação de importância em fazer parte daquele meio, justificando o senso de pertencimento àquele local e sentir satisfação por isso.

“A escola inclusiva parte do pressuposto de que todas as crianças podem aprender e fazer parte da vida escolar e social” (SILVEIRA & NASCIMENTO, 2013, p. 28).

Além disso, ressalta-se a liderança da equipe gestora para a manutenção das ideias e metodologias inerentes à diversidade, as capacitações dos educadores e a

aquisição de materiais e recursos para manter os planejamentos e projetos que beneficiam a educação inclusiva.

Silveira e Nascimento (2013) apontam ainda como característica, a parceria com os pais, a acessibilidade, as novas metodologias de ensino e avaliação, novas responsabilidades e os ambientes flexíveis de aprendizagem.

Para Rodrigues e Paulino (2009), as escolas que não buscam adaptar seu espaço físico e disponibilizar recursos para a capacitação de sua docência, estão descumprindo a lei e negando a estes cidadãos o direito à Educação.

A escola tem papel importante de levar a criança a explorar, a descobrir novas experiências sobre si e sobre o mundo que a cerca, visando melhorar as habilidades corporais e intelectuais. (PATEL, KRENKEL & LARANJEIRA, 2012)

A educação inclusiva está presente nas escolas para buscar diminuir o preconceito e as diferenças sociais. As propostas que as inclusões estabelecem, amparam as diferenças no geral, não enfocando somente as deficiências físicas, mas todos aqueles que necessitam de atenção especial por algum tipo de situação específica.

Tal afirmação é fundamentada nas palavras de Silveira e Nascimento (2013, p. 29), dizendo que “a escola inclusiva procura responder, de forma apropriada e com alta qualidade, não só a deficiência, mas também a todas as diferenças dos alunos, sejam elas culturais ou étnicas”.

A necessidade de englobar a educação inclusiva como parâmetro de adequação social nas escolas não corresponde a meras ideias isoladas, existe todo um aparato legal que normatiza e torna obrigatória a presença da inclusão nas escolas. A própria BNCC ressalta a importância das diversidades em muitas de suas orientações, inclusive, em suas competências gerais.

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BRASIL, 2018, p.9)

Ainda deixa claro que, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades (BRASIL, 2018, p. 14).

Reforça-se ainda que:

No Brasil, a legislação que orienta as práticas educativas inclusivas é regida pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), lei nº 8069, de 1990, em seu art. 53, que estabelece que “toda criança e adolescente tem o direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa e preparo para o exercício da cidadania. Além disso, a LDB 9394, de 1996, reserva um capítulo inteiro para a educação especial. O cap. 5 destaca o direito da criança a educação, pública e gratuita, das pessoas com deficiência, condutas típicas e altas habilidades (Silveira& nascimento, 2013, p. 44).

Os documentos internacionais que orientam as políticas públicas a respeito da inclusão escolar são as Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Declaração de Jomtien, em 1990, a Declaração de Salamanca, em 1994, e a Convenção de Guatemala, 1999. (SILVEIRA & NASCIMENTO, 2013).

Ou seja, a prática inclusiva não só é necessária como também é amparada por lei para que sua aplicação seja bem desenvolvida. Porém, um projeto para ser bem desenvolvido precisa de um profissional bem capacitado e preparado para garantir a eficácia do trabalho.

O Papel do Professor Diante das Diversidades

A formação do professor em pedagogia não destaca com ênfase as práticas da educação inclusiva, as abordagens são satisfatórias, simplesmente a cargo de conhecimento.

Sendo a educação especial uma área de estudo relativamente nova no campo da pedagogia, muitos professores encontram-se desestabilizados frente às concepções e estruturais sociais no que diz respeito às pessoas consideradas “diferentes” (OLIVEIRA, ARAÚJO & SILVA, 2019)

Pouco é estudado a respeito de metodologias e técnicas que possam gerenciar um desenvolvimento de um trabalho inclusivo com eficiência. Para tal, o professor deve buscar um curso, em caráter de pós-graduação, que o permita ao docente se especializar em educação especial, pautando sua ótica de estudos diretamente ligados aos alunos com necessidades especiais e ênfase na educação inclusiva.

A pratica dessa modalidade é bastante comum no meio acadêmico, porém, quantidade não representa qualidade, e um profissional bem preparado não está

condicionado ao julgo de seu diploma. Para chegar a um nível de excelência, o professor deve estar sempre buscando mais conhecimento.

Para Oliveira, Ziesmann Guilherme (2017, p. 312), “é imprescindível que todos que os educadores estejam habilitados para atuar de forma competente junto a esses alunos em cada etapa do ensino”.

De acordo com Oliveira, Araújo e Silva (2019), para que haja de fato uma educação inclusiva é imprescindível que os professores busquem capacitação, aperfeiçoamento e formação continuada, a fim de proceder à mediação ao receber alunos com necessidades educacionais especiais.

De acordo com Camargo, Soffa e Markowics (2017), a maior parte dos profissionais ainda tem dificuldades para receber crianças especiais em suas salas de aula, pois enfrentam o problema da capacitação deficiente e o preconceito de alguns pais.

A ação docente alinhada com os parâmetros da educação inclusiva, coloca o professor como ponto “chave” para a consequência do trabalho que será desenvolvido. Já que a sua abordagem é que vai definir o feedback do aluno em relação ao material trabalhado em sala.

Segundo Oliveira, Ziesmann Guilherme (2017, p. 307), “o professor torna-se o ponto central dessas mudanças e discussões, pois ele é um dos principais responsáveis por proporcionar um conhecimento diferenciado ao seu público”.

Mas antes de tudo, é primordial que o professor conheça seu aluno, que saiba quais suas limitações e quais habilidades eles trazem consigo. “A inclusão é antes de tudo, um processo de se autoanalisar, de procurar no outro o que ele tem a nos oferecer, a forma como vê a vida, as coisas e as pessoas” (CAMARGO, SOFFA & MARKOWICS, 2017).

Para Oliveira (2013, p. 124), levando para o lado emocional e psicológico, “o professor precisa estar ciente das suas próprias reações emocionais frente ao aluno, compreendendo que o desenvolvimento da pessoa atravessa momentos conflituosos, de grande expressão emocional”.

A autora deixa claro que a condição do aluno e do professor devem estar em constante apuração e equilíbrio emocional, por isso que, conhecer o seu aluno tem importância significativa para o desenvolvimento do trabalho.

No que tange a educação inclusiva, o professor passa ser mediador na transmissão do conhecimento, falando menos e assessorando mais. Para esse

docente que atua lado a lado com prática da inclusão, sua metodologia deve ser diferenciada, prevendo a adequação de todos os presentes.

As atividades devem ser dispostas de forma a agregar condição de aceitabilidade para todos os alunos, demonstrando a intenção em justificar o comprometimento do docente com todos os alunos, sem exceção, principalmente se algum aluno com necessidades especiais estiver presente.

Silveira e Nascimento (2013, p. 13), justifica a prática docente defendendo que, “ensinar é comprometer-se com o outro e a inclusão escolar desafia uma mudança de atitude deste outro”.

Vale lembrar que, o professor deve estar preparado para o auxílio ou não do professor de apoio. Ele deve ser o disseminador do aspecto fundamental da inclusão, que é a valorização da diversidade, tal como afirma Rodrigues e Paulino (2009, p. 3), “o princípio fundamental da inclusão pauta-se na valorização da diversidade humana”.

O professor tem a responsabilidade de educar tanto as crianças sem deficiência como aquelas com deficiência, mesmo que tenha um professor auxiliar em sua sala (SILVEIRA & NASCIMENTO, 2013).

Oliveira, Araújo e Silva (2019, p. 2) ressaltam que, “cabe aos professores procurar novas posturas e habilidades que permitam compreender e intervir nas diferentes situações com que se deparam”.

A dinâmica do trabalho docente diante da diversidade dispõe de vários fatores que, juntos englobam o conjunto de parâmetros que determinam a qualidade do trabalho ministrado pelo professor. Não basta apenas planejar e ao chegar sem a aula, seguir a “receita de um bolo”. Tudo começa pelo respeito mútuo e empatia entre os presentes, ou seja, a afetividade entre professor e o aluno representa o grau de confiança que o docente precisa para ministrar uma boa aula.

A Teoria da Afetividade de Wallon

Henri Wallon nasceu na França no final do século XIX e atuou em várias áreas das ciências, foi filósofo, médico, psicólogo e educador. Defendia que o homem era um ser biológico e social, e que sua personalidade e psiquismo estava baseada nas influências que recebia do meio onde vivia.

Sua teoria foi intitulada Teoria Psicogenética, e ficou conhecida como teoria da afetividade. Seu foco maior de estudo foram as crianças, pois em seu entendimento, a infância representava o momento de maior transformação psíquica que o indivíduo poderia passar.

De acordo com Oliveira (2013, p. 118), “preocupado com o psiquismo humano, Wallon devotou-se ao estudo das crianças, pois é na infância que encontramos a gênese dos processos psíquicos”.

Com a entrada da criança no universo escolar, irão prevalecer os processos cognitivos, os pensamentos se tornarão mais organizados. A escola, além de cumprir seu papel na construção do conhecimento, pode contribuir com a resolução de conflitos, dificuldades desse sujeito nos seus diferentes estágios do desenvolvimento. (OLIVEIRA, 2013, p. 121)

Tomando por base a linha pensamento definida a partir do desenvolvimento do tema, a definição acerca de todos os preceitos tratados na teoria de Wallon serão deixados de lado para dar enfoque exclusivamente em sua concepção sobre a afetividade e a relação existente do ser afetivo com o meio. Ou seja, a teoria em si, com suas proposições, estágios e leis não entrará na síntese do conteúdo discutido.

Ao estudar a formação das pessoas, Wallon percebeu que o indivíduo era constituído de afetividade e cognição. Olhar a criança como um ser contextualizado, social por natureza e que se individualiza a partir de interações sociais, torna compreensível em sua totalidade a criança como um ser afetivo, intelectual, motor e social. (OLIVEIRA, 2013)

A gestão da afetividade positiva proporciona prazer e alegria, bem como predispõe a reagir, em diferentes situações, adequadamente. “O educador pode dar apoio ao educando, ajudando-o a superar os bloqueios emocionais com relação a uma determinada disciplina”. (MATOS, 2008, p. 56).

Inferindo acerca da teoria de Wallon, Oliveira (2013, p. 124) ressalta que “a escola precisa lidar adequadamente com as emoções dos alunos, não intensificando situações de frustrações e ansiedade, isso pode interferir no funcionamento intelectual da criança em seu processo de aprendizagem”.

Segundo Matos (2008), a afetividade é o elo que favorece a interação social, no ambiente escolar, em especial na sala de aula, em que o educador é o mediador e o facilitador da sociabilidade do educando.

Sendo a escola o meio social necessário para a aprendizagem do aluno, é imprescindível programações que articulem o desenvolvimento de aspectos cognitivos e afetivos, pois como foi visto na teoria de Henri Wallon, estes aspectos, apesar de antagônicos, dependem um do outro para o seu desenvolvimento. (ROCHA & CRUZ, 2017, p. 1087)

De acordo com Oliveira (2013, p. 125), “a teoria walloniana preocupa-se com a explicação da relação entre a criança e seu meio sócia, considerando as mudanças que vão se processando nos diferentes momentos de seu desenvolvimento”.

Rocha e Cruz (2017), em seu trabalho sobre a afetividade, determina que, formar integralmente o aluno não é apenas instruí-lo, pela transmissão de conteúdo, mas ir além e formá-lo, por meio do convívio social, um sujeito compreensivo, com responsabilidade, crítico e autêntico.

A afetividade é um fator importante no relacionamento educador/educandos. Esse relacionamento afetivo é imprescindível para o desenvolvimento da inteligência e, por consequência, da aprendizagem (MATTOS, 2008).

A empatia é fruto da afetividade manifestada entre as pessoas, e isso desperta confiança e tranquilidade no momento em que haja interação entre essas pessoas. Trazendo para o ambiente de sala de aula, a relação do professor com o aluno, quando existe afeto, traz consigo a confiança e a motivação. Desse modo a aprendizagem ganha mais significado, e consequentemente o resultado tende a ser positivo.

Ainda de acordo com Mattos (2008, p. 52), “a inclusão das crianças excluídas carece de ser feita pelo domínio afetivo, mostrando que é possível ter sucesso e aprender, que é possível construir o saber tendo como base o conhecimento trazido por ela e pela comunidade local”.

Análise e Discussão

Em conformidade com todas as informações apresentadas até o momento, faz-se necessário a constituição de uma síntese complementar que vislumbre uma concepção da relação estabelecida sobre todos os tópicos tratados até o momento.

A educação inclusiva é conceituada como um momento de transformação, instituída na necessidade de buscar novas abordagens educacionais em prol da condição individual de cada aluno, respeitando suas limitações e compreendendo sua

natureza e personalidade, a fim de elaborar estratégias de adequação para que seu momento de aprendizado possa atender seus anseios.

De acordo com Oliveira, Ziesmann e Guilherme (2017), a Educação Inclusiva está inserida no ensino regular na busca de fortalecer valores como igualdade e respeito desenvolvendo a interação de crianças que estavam sendo excluídas socialmente no meio educacional.

A escola deve estar engajada na proposta da inclusão dos alunos, independente se sua condição física, étnica ou cultural, e sua infraestrutura precisa estar de acordo com essas condições, já que as proposições definidas na educação inclusiva são respaldadas por lei e normatizações vigentes.

Tal como afirma a BNCC, ressaltando que, compete à escola garantir o trato, cada vez mais necessário, com a diversidade, com a diferença. (BRASIL, 2018, p. 68).

Segundo Silveira e Nascimento (2013, p. 36), “a construção de uma escola inclusiva implica transformações no contexto educacional: transformações de ideias, de atitudes e de práticas das relações sociais, tanto no âmbito político, administrativo, como didático-pedagógico”.

Barbosa, França e Oficial (2014, p. 39), reitera que, “é de responsabilidade da instituição a busca e a integração daqueles que por alguma razão estejam fora do convívio escolar”.

A Educação Inclusiva em suas linhas gerais segue os mesmos objetivos da educação comum, visando proporcionar aos portadores de necessidades educativas especiais, condições que favoreçam a sua integração na sociedade, desenvolvendo alternativas de atendimento diferenciado, metodologias especiais, promovendo, utilizando recursos humanos e matérias especializados (SANTANA, 2016).

Consoante a isso, cabe a escola inclusiva preparar seus profissionais para atuar de forma abrangente e eficaz na abordagem dos alunos, visando um ensino que respeite as diferenças e particularidades de cada indivíduo.

Nesse panorama, o professor deve ganhar destaque por ser o agente transformador dessa proposta inclusiva, e indiretamente responsável por fazê-la dar certo. Para tal deve ampliar seus conhecimentos e buscar sempre inovações em suas metodologias de ensino.

É cabível de análise que o trabalho docente seja o centro da questão tratado pelo tema, pois sua intervenção pode definir a situação de um aluno, bem como sua

condição na escola. As práticas docentes precisam incluir noções didáticas e lúdicas, sob uma visão geral da personalidade de seus alunos, buscando atingir ao máximo a receptividade da turma.

Atingindo essa receptividade, o professor tem grandes chances de estabelecer uma relação positiva com os discentes, favorável para o desenvolvimento de um trabalho eficiente, ocasionando o retorno de resultados satisfatórios, gerando assim, uma melhora no rendimento.

Entende-se esse tipo de intervenção não se resume apenas a questões didáticas ou pedagógicas, mas também cognitivas e emocionais. Conhecer o seu aluno é o primeiro passo para compreender sua necessidade, entender suas aflições e confortá-lo, para ele saber que naquele meio, ele pode ficar à vontade.

Oliveira, Araújo e Silva (2019, p. 2) afirmam que, “cabe aos professores procurar novas posturas e habilidades que permitam compreender e intervir nas diferentes situações com que se deparam”.

Baseado nesse fato, a teoria de Wallon, serve como embasamento para justificar a ação do professor em relação ao padrão de comportamento determinado pelo seu aluno. O uso da afetividade está atrelado ao conceito de empatia, que associado ao respeito, pode gerar confiança, proporcionando maior facilidade para a aplicação da proposta.

Wallon define que sua teoria está relacionada ao afeto e a cognição, mas que a associação ao meio é quem intensifica a percepção do indivíduo sobre o mundo onde vive, e com isso, projeta o tipo de personalidade que possui.

De acordo com Rocha e Cruz (2017, p. 1087), “Wallon descreve que a afetividade abrange as relações afetivas, tais como: emoção, sentimento e paixão, cujos conceitos são inconfundíveis”.

A teoria psicogenética de Wallon preocupa-se com a explicação da relação da criança com o seu meio social, com as mudanças que vão se processando nos diferentes momentos de seu desenvolvimento. (OLIVEIRA, 2013).

Nas palavras de Mattos (2008, p. 53) ressalta-se que “o ser humano é um ser afetivo. No início da vida emoção e razão estão misturadas, porém, há o predomínio da afetividade sobre a racionalidade”.

Por fim, o papel do professor define quais suas atribuições e quais ações deve desempenhar, tendo conhecimento sobre as proposições defendidas pela educação inclusiva, então o educador tem conhecimento e as orientações para definir qual deve

ser a prática essencial para trabalhar com a diversidade em sala de aula. Porém, o docente também tem consciência que seu trabalho é mais complexo do que se pensa, e suas estratégias precisam mais da concepção emocional de seus alunos do que seu entendimento racional de sua metodologia.

A aceitação ou consideração positiva incondicional do professor em relação ao aluno consiste numa postura de aceitação irrestrita e de respeito à pessoa do aluno, respeitando-o em sua singularidade, pois digno de confiança (OLIVEIRA, ARAÚJO E SILVA, 2019).

Considerações Finais

Em prol das informações apresentadas no texto reafirma-se a importância da educação inclusiva nas escolas, demonstrando o respeito da instituição para com todos os alunos, compreendendo seu papel na sociedade e provando seu valor como instituição educacional.

O artigo deixa claro a percepção sobre as características e fundamentos da educação inclusiva no que tange a sua incorporação como proposta didática essencial para o desenvolvimento e formação estudantil de seus alunos. Dispondo desses conceitos, é possível definir alguns parâmetros para a elaboração de estratégias e metodologias que poderão facilitar o trabalho docente e a aceitação dos alunos.

A teoria de Wallon foi descrita de forma fragmentada, visando apenas o enfoque nas questões da afetividade, tornando a prática docente uma gama de ações voltadas para buscar no aluno todo seu potencial, não apenas pelo lado pedagógico, mas também em seu lado emocional e cognitivo.

Para enfim, munir o professor com as ferramentas necessárias para desempenhar um bom trabalho na prática da educação inclusiva, sem deixar de lado o respeito com a diversidade e a valorização das particularidades de cada indivíduo em sua sala de aula. O texto deixa evidente que a figura do professor representa o “divisor de águas” que direciona o futuro de seus alunos, provando que seu trabalho é muito mais complexo do que muitos imaginam.

Portanto, as informações apresentadas moldam a prerrogativa estabelecida na problemática informada, através dos tópicos desenvolvidos no corpo do texto. Para

mostrar um bom trabalho, o professor deve estar bastante preparado e interagido do conteúdo com o qual deseja ministrar suas aulas.

No caso da Educação Inclusiva, é preciso, antes de tudo, conhecer seus conceitos e características, compreendendo o motivo de sua aquisição, para a partir daí, entender o limite de suas atribuições como educador e a forma como deve se portar diante de determinado tipo de aluno. Atrelado a isso, acrescenta-se a empatia e o afeto, conforme explica Wallon em sua teoria, colocando o aluno como ser especial e digno de respeito, mostrando para ele, o quanto sua presença é importante e necessária a todos na sala de aula.

Logo, entende-se que para atingir uma relação positiva e favorável com seu aluno, o professor deve conhecer a si próprio, para depois conhecer o seu aluno, e assim, em prol dessa relação, desenvolver um ensino de qualidade e um bom rendimento escolar.

Referências

BARBOSA, Ana Clarisse A., FRANÇA, Cynthia S., SILVA, Fábio L & OFFIAL, Patrícia. **Educação e Diversidade**. ABDR. UNIASSELVI. Londrina. 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC/ CONSED/ UNDIME. Brasília. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em 02/05/2021

CAMARGO, Leticia F., SOFFA, Marilice M. & MARKOWICS, Daniel. **Perspectivas sobre a Educação Inclusiva: Um desafio possível**. EDUCERE. Formação de professores: contexto, sentidos e práticas. XII Congresso Nacional de Educação. 2017. Disponível em:<https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23527_11750.pdf>. Acesso em 02/05/2021.

MATTOS, Sandra M. **A afetividade como fator de inclusão**. Universidade Católica de Petrópolis. TEIAS. Rio de Janeiro, ano 9, nº 18. Artigo. 2008. Disponível em<<https://www.e-publicacoes.uerj.br>>. Acesso em 02/05/2021.

OLIVEIRA, Fabiola R., ARAÚJO, Michael Douglas & SILVA, José L. **O Papel do Professor na Educação Inclusiva**. CONEDU. VI Congresso Nacional de Educação.

Artigo. 2019. Disponível em:< https://editorarealize.com.br/editora/anais/com-edu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA10_ID9047_28092019222226.pdf>. Acesso em 01/11/2021.

OLIVEIRA, Fernanda G. **Abordagens Psicológicas da Aprendizagem**. Caderno de Estudos. NEAD. UNIASSELVI. Indaial. 2013.

OLIVEIRA, Janaína B., ZIESMANN, Cleusa I. & GUILHERME, Alexandre A. **Educação Inclusiva: repensando a formação de professores**. PUC/RS. 1º Seminário Luso Brasileiro de Educação Inclusiva: o ensino e a aprendizagem em discussão. Porto Alegre. 2017. Disponível em:< <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/i-seminario-luso-brasileiro-de-educacao-inclusiva/assets/artigos/eixo-4/completo-5.pdf> >. Acesso em 02/05/2021.

PATEL, Viviane P., KRENKEL, Scheila & LARANJEIRA, Eduardo C. **Psicomotricidade**. Caderno de Estudos. NEAD. UNIASSELVI. Indaial. 2012.

ROCHA, Scheilla C. & CRUZ, Cândida L. **Afetividade no contexto escolar inclusivo**. PUC/RS. 1º Seminário Luso Brasileiro de Educação Inclusiva: o ensino e a aprendizagem em discussão. Porto Alegre. 2017. Disponível em:< <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/i-seminario-luso-brasileiro-de-educacao-inclusiva/assets/artigos/eixo-10/completo-2.pdf>>. Acesso em 02/05/2021.

RODRIGUES, Silmara R. & PAULINO, Paulo Cesar. **Educação Inclusiva, um desafio de todos**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. UTFPR. PROEJA. Artigo científico. 2009. Disponível em:< https://www.researchgate.net/publication/261699613_EDUCACAO_INCLUSIVA_UM_DESAFIO_DE_TODOS>. Acesso em 02/05/2021.

SANTANA, Adriana S. **Educação Inclusiva no Brasil: Trajetória e Impasse na legislação**. Trabalho de Conclusão de Curso. 2016. Disponível em:< https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc_8.pdf>. Acesso em 02/05/2021.

SILVEIRA, Tatiana & NASCIMENTO, Luciana M. **Educação Inclusiva**. Caderno de Estudos. NEAD. UNIASSELVI. Indaial. 2013.